**A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA, NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONVIVENDO COM AS DIFERENÇAS**

*Ana Karina de Bessa Barros*

*(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN)*

*E-mail:bkarinabarros@gmail.com*

*Maria Aparecida Chaves*

*(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN)*

*E-mail: cida-chaves@hotmail.com.br*

*Maria Daiana Lopes da Silva*

*(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN)*

*E-mail: daianna\_lopes@live.com*

**RESUMO**

Este artigo aborda a temáticaa inclusão de crianças com Espectro Autista na Educação Infantil: Convivendo com as diferenças. Tendo como objetivo conhecer as característica da criança com Espectro Autista, para isto utilizamos da pesquisa bibliográfica, dialogando com autores que discutem esta temática. No primeiro momento trataremos de elucidar sobre as características do Transtorno Espectro Autista, num segundo momento traremos uma discussão sobre como incluir uma pessoa diagnostica com esse transtorno no ambiente escolar, e por último buscamos trazer uma análise do período a qual estivemos em Estágio. No decorrer deste trabalho podemos perceber que os aspectos e características das pessoas autistas variam, dificultando assim o diagnóstico e definição de uma metodologia capaz de inclui-los no processo educacional. Obteve-se como resultado que a inclusão da criança com espectro autista, é uma tarefa difícil, pois nem sempre a instituição e seus profissionais estão de fato preparados para fazer com que a inclusão se concretize de maneira satisfatória.

**Palavras-chave:** Espectro Autista. Desenvolvimento. Educação Especializada.

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo conhecer as característica da criança com Espectro Autista; foi elaborado a partir de nossas experiências do Estagio supervisionado I realizado na Creche Raio de Luz (pseudônimo), situada no município de Pau dos Ferros/RN, onde nos deparamos com duas crianças diagnosticadas com o Transtorno Espectro Autistas (TEA) na sala que estávamos atuando, com o intuito compreender como se dá o processo de inclusão de crianças com Espectro Autista na sala de aula com alunos típicos. Para a realização deste artigo utilizamos da pesquisa bibliográfica baseando-se nos seguintes autores: Araújo (2012),Azevedo (2012), Cunha (2015),Oliveira (2013), Santos (2013).

No decorrer deste trabalho podemos perceber que atualmente no Brasil o número de pessoas diagnosticada com este distúrbio vem crescendo, no entanto ainda hoje não se tem um consenso sobre as causas do Espectro Autista, sabe-se que o mesmo é um distúrbio do desenvolvimento humano, que afeta suas capacidades de atenção, raciocínio e integração.

Convém lembrar que a infância é o momento mais rico na aprendizagem, onde as crianças experimentam e vivenciam cada momento de forma única. Desse modo podemos perceber que é de suma importância que o professor saiba como identificar e lidar com tais aspectos e dificuldades para que assim possa construir uma boa proposta pedagógica de modo a incluí-lo no processo educacional.

E por último traremos uma análise reflexiva da nossa experiência de estagio supervisionado, no qual explanamos sobre os relatos da professora em nossas conversas informais com a mesma, e também descreveremos sobre nosso período de observação e regências na qual desenvolvemos atividades com estas crianças autistas.

**ENTENDENDO O AUTISMO**

O autismo é um transtorno global no desenvolvimento (TGD) desde a antiguidade conhecemos relatos de crianças ou adultos com comportamentos estranhos, que podem ser relacionados ao autismo essa expressão foi utilizada pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) em seu histórico artigo escrita originalmente em inglês: Distúrbios Artísticos do Contato Afetivo.

Ainda hoje não se tem um consenso sobre as causas do autismo, sabe-se que o mesmo é um distúrbio do desenvolvimento humano, que pode ser diagnosticado em crianças antes dos três anos de idade, com maior incidência em meninos. Cunha (2015, p.20) coloca que “O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restritas – repetitivas” é um transtorno que permanece durante toda a vida, mas que tem tratamento e o quanto antes essa criança for diagnosticada e receber um acompanhamento especializado maiores serão suas chances de desenvolvimento social e educacional.

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) apresenta características como: a ausência de uma linguagem verbal, ou por vezes apresenta pouco desenvolvida com um vocabulário pobre, apresenta um contato visual deficiente, Santos (2013) afirma que “Pessoas com esse distúrbio possuem dificuldades qualitativas na comunicação, interação social e a imaginação e consequentemente problemas comportamentais.” Cada criança autista pode apresentar variação sobre tais características, em alguns casos se torna difícil o diagnóstico.

Atualmente no Brasil tem se constatado um número crescente de diagnostico desse distúrbio. Ressalta-se que o diagnóstico é clinico e não existe a necessidade de enxame, ou seja, é feito através da observação direta do comportamento da criança é realizada também uma entrevista com os pais ou responsáveis.

Convém lembrar que a infância é o momento mais rico na aprendizagem, onde as crianças experimentam e vivenciam cada momento de forma única. Segundo Alcantara (2013)

A educação de uma criança autista é uma experiência singular e que exige muito do educador, uma vez que a programação pedagógica dessas crianças deve estar embasada nas suas necessidades, e direcionada para o desenvolvimento de suas habilidades e competências, favorecimento de seu bem estar emocional e equilíbrio pessoal de forma harmoniosa, e ter como meta principal a sua introdução ou aproximação em um mundo de relações humanas significativas.

A educação autista tem os mesmos objetivos gerais que a educação para todas as crianças, ou seja, o desenvolvimento de suas possibilidades e competências, promover o bem- estar emocional e principalmente aproximar as crianças autistas do mundo humano de relações significativas.

**EDUCAÇÃO ESPECIALIZADA PARA O AUTISTA**

Todas as crianças têm como uma necessidade essencial conviver com as demais é a partir dessa interação que o processo de aprendizagem se desenvolve, esse processo não ocorre de maneira diferente com a criança autista, pois a mesma também possui essa necessidade de interagir.

Ao que se refere ao processo de inclusão da criança autista pode-se dizer que o mesmo estar relacionado à compreensão de suas dificuldades, de modo a permitir que esta criança faça parte da sociedade, e tenha uma participação efetiva no meio social, sendo assim percebe-se que a ação do professor é de fundamental importância nesse processo de inclusão, Cunha (2015, p.29) propõe que:

Na escola, devem-se utilizar o afeto e os estímulos peculiares do aluno para conduzi-lo ao aprendizado, porque, na educação, quem mostra o caminho é quem aprende e não quem ensina. A observação é extremamente relevante na avaliação do grau de autismo. A observação, sem dúvida, é o primeiro passo para uma educação com resultados.

Vê-se assim que o professor deve utilizar da observação como um meio para conhecer o aluno, e a partir daí construí uma pratica pedagógica, adequada para atender as necessidades educacionais especiais de cada aluno. “A Lei n° 12.764/12 caracteriza a síndrome como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social [...]” esta lei garante no Art. 3º que a pessoa diagnosticada com a síndrome Espectro Autista tenha assegurado o direito ao atendimento multiprofissional.

Esse atendimento especializado deve ocorrer tanto individualmente nas salas de recursos, quanto na sala de aula comum junto às crianças típicas. A sala de recurso deve ser simples, sem a utilização de muitos objetos de modo que não aja distração do aluno, pois a criança autista sente-se atraída por objetos que se movimentam giratoriamente.

O aluno autista apresenta dificuldades de interagir com o meio ao qual está inserido, para tanto o papel do professor é essencial para que esse aluno se desenvolva no espaço escolar, porque é através das sensações que o mesmo desenvolve sua capacidade cognitiva, ou seja, sua construção de ideias e pensamentos. Para tanto o professor regular pode busca auxilio junto ao professor da sala de recurso, pois é nas salas do AEE que segundo Oliveira (2015, p.47)

[...] o aluno com deficiência intelectual deve encontrar possibilidades de desenvolver suas funções psicológicas superiores, as quais se relacionam ao aprimoramento dos aspectos cognitivos- percepção, memória, raciocínio, linguagem-, e aos aspectos da sua conduta – controle deliberado de sua ação, tomada de decisões, autonomia e suas ações. [...]

Pode-se dizer que nas salas de recursos essa criança vai ser estimulada a desenvolver suas funções cognitivas, aprimorando sua capacidade intelectual para que este possa acompanhar o currículo escolar. O professor da sala comum deve ter um olhar observador para poder identificar como este aluno aprende, a partir da observação construir sua pratica pedagógica de modo que englobe tanto os alunos típicos como o aluno autista. Para se construir uma boa proposta pedagógica é de suma importância que o professor saiba identificar no aluno autista suas dificuldades; de atenção, raciocínio e integração, fazendo-se necessário também que o mesmo saiba como lidar com tais aspectos.

Ao que se refere às dificuldades de atenção pode-se dizer que as mesmas podem estar relacionadas por vezes a capacidade sensorial, no campo auditivo a criança autista pode se distrai com facilidade, e os barulhos pode lhe causar estranhamento chamando-lhe a atenção ou até mesmo a assuntando-a, no campo visual os objetos também podem chamar sua atenção facilmente de modo que fique pressa a observação deste objetos e esquecer-se de todo o resto. O professor deve procurar ao máximo proporcionar um ambiente calmo e tranquilo sem muitos barulhos. Quanto ao campo visual o professor deve procurar chamar-lhe a atenção para os objetos que ele pretende trabalhar, e conduzir o olhar desta criança para o que está sendo desenvolvido em sala durante as atividades.

Ainda se tratando da dificuldade de se manter a atenção, destaca-se também a capacidade espacial, onde pode- se dizer que o autista tem uma habilidade fragmentada nesse campo, devido à fragmentação de sua percepção visual desse modo faz-se necessário que o professor proporcione atividade e brincadeiras para que ele desenvolva sua inteligência espacial.

Com relação às dificuldades de raciocínio podemos destacar dificuldades na linguagem e na cognição, ao que se refere ao mal desenvolvimento da linguagem ou desenvolvimento tardio da mesma, pode ser associada a falta de simbolização que acabar por prejudicar a desenvolvimento de novos significados. O professor procurar olhar para a criança autista, falando de maneira suave e de maneira simplificada de modo que permita o aprendizado natural por parte do aluno. Já no campo podemos destacar que este se desenvolve com base nas interações, porem na criança autista este processo ocorre de maneira diferenciada os mesmos apresentam limitações em alguns processos cognitivos devido não sua dificuldade de socialização e comunicação. o professor deve procurar desenvolver atividades mais elaboras com o intuito de explorar as peculiaridades e aguçar a construção do pensamento e desenvolvimentos de suas ideias.

Ao que se refere às dificuldades de integração, podemos destacar aspectos relacionados à socialização e o desenvolvimento afetivo, a criança autista apresenta dificuldade de se relacionar e interagir com as outras pessoas, pois seu desenvolvimento interativo é mais lento, resultando assim em comportamentos repetitivos e exclusivistas, refletindo em sua linguagem, fala, memória e até mesmo na sua capacidade de imaginar e desenvolvimento cognitivo de modo que esta criança não consegue contextualizar muitos aspectos da nossa vida como as brincadeiras . Nesses casos os professores devem procurar proporcionar a seu aluno uma convivência social saudável, buscando sempre mantê-lo em contato com outras crianças para que este possa aprender junto às elas regras sócias e de convivência.

No aspecto afetivo, a pessoa com o Espectro Autista, centra-se em si mesmo isolando-se do que acontece ao seu redor limitando-se muitas vezes pelos atos e reflexos, além de apresentar apego aos objetos ligados aos seus impulsos, ele não consegue reconhecer os sentimentos e demonstrações afetivas por parte dos outros, tornando-se de difícil a manifestação de afeto. No entanto através das demonstrações de carinho por parte dos professore e dos pais pode a ver uma mudança significativa ou até mesmo uma reversão deste quadro.

Sendo assim pode se dizer que o professor deve utilizar da observação para construir uma boa pratica pedagógica que inclua esse aluno autista, de modo que este possa desenvolver suas habilidades de autonomias, e de convívio social.

**ANALISE DO PERÍODO DE ESTAGIO**

Durante o período do Estagio Supervisionado I, realizado numa creche de Pau dos ferros / RN, nos deparamos na sala em que desenvolvemos nosso estagio com duas crianças diagnostica com o Transtorno Espectro Autista (TEA) na qual iremos nos referir ao mesmo pelo pseudônimo de Matheus e Roberto.

Ainda no período de observação a professora da sala (de pseudônimo) Flor, nos relatou as dificuldades que a mesma sentia para incluir essas duas crianças, pois ela tinha que dar de conta de mais vinte e cinco alunos típicos, ela relatou que de início buscou auxilio junto a escola e a secretaria de educação do município para que fosse designado uma professora auxiliar. A mesma coloca que foi designada uma professora para lhe auxiliar, mas que, que a mesma só constava em seu diário, porem no dia a dia, devido à falta de professores na escola, essa professora quase nunca ficava em sua sala ela servia mais como professora substituta nas outras salas, que tinha crianças com uma faixa etária menor do que a de flor.

A professora Flor desabava que se sentia angustiada, pois sabia que Matheus e Roberto poderiam se desenvolver bem mais do que tinha desenvolvido até o momento, só que ela sozinha não conseguia dar de conta da turma que já era bem numerosa e ao mesmo tempo desenvolver atividades para que eles acompanhassem o resto da turma. Ela coloca que se tivesse uma professora para lhe auxiliar todos os dias na realização das atividades com Matheus e Roberto, tinha certeza que eles evoluíram bem mais rápido, porque se comparado ao início do ano, eles já tinha evoluído significativamente, pois no começo do ano, eles eram bastante agressivos e com uma coordenação motora pouco desenvolvida onde se quer conseguiam segurar o lápis direito.

Ao procuramos estabelecer uma relação do comportamento de Matheus e Roberto notamos que os mesmos apresentam aspectos comportamentais diferentes, Cunha (2013, p.26) explica que “[...] os sintomas podem exibir muitas variações de uma crianças para a outra, contribuindo para que se torne mais difícil traçar um perfil único e exclusivo”.

Os aspectos comportamentais do autista variam de acordo com o grau de desenvolvimento de cada um, Cunha (2015, p. 26-27) afirma que:

Além de haver um acentuado comprometimento do uso de múltiplos comportamentos não verbais (contato visual, direto, expressão facial, postura e linguagem corporal) que regulam a interação social e a comunicação, pode ocorrer também atraso ou ausência total do desenvolvimento da linguagem falada.

Nesse ponto podemos notar que Matheus e Roberto se diferenciam no seu modo comunicar-se, onde Matheus ainda não desenvolveu a linguagem falada e se comunica principalmente pela linguagem corporal, por exemplo, quando ele quer pedir água ele aponta para garrafa. Já Roberto ainda que não seja tão desenvolvida ele apresenta a linguagem falada.

Ainda com relação a manifestações comportamentais, vemos que Matheus, usar as pessoas para pegar os objetos, quando ele quer pegar algum objeto ele aponta, ele demonstra sensibilidade a barulhos, pois quando se tem muito barulho na sala ou na hora do intervalo ele se demonstra incomodado e tampa os ouvidos com as mãos, também não manifesta interesse na horas das brincadeiras, na hora do intervalo passa a maior parte do tempo volteando sozinho pela Creche, outras vezes quando a brincadeira ocorre na sala ele não participa, fica num canto da sala ou fica rabiscando o caderno. Se tratando do aspecto afetivo nota-se que ele não apresenta reciprocidade a demonstração de afeto como um beijo ou abraço, pois quando alguém pede um beijo ele vira o rosto para que a pessoa o beije, porem ele não beija nem abraça de volta.

No momento das atividades notamos que Matheus já consegue reconhecer algumas letras e cobrir as palavras, porem perde o interesse facilmente deixando as atividades de lado ou por vezes a rasura ou só as rabisca. Ele demonstra interesse por atividades de colagem e pinturas com as mãos.

Já Roberto notamos que ele não atende quando chamado, só atende quando se tem um contato visual, ele demonstra uma agitação desordenada, no momento das atividades também só demonstra interesse de colagem e consegue montar os pares em jogos de memória, e reconhecer as letras do alfabeto, porem se insistir numa atividade repetidamente ele se irrita e não faz mais.

Roberto se mostra interessado na hora das brincadeiras, interagindo com as outras crianças tanto em sala de aula, quanto na hora do intervalo, em especial com uma criança que é seu vizinho, ele sente a necessidade de estar sempre ao lado dele ao ponto de incomodar o outro, por querer ficar sempre perto e apresentar hábitos por vezes agressivos como tapas e empurrões, também não demonstra reciprocidade afetiva.

Diante do que foi exposto ressalta-se que pessoas diagnosticadas com o Transtorno Espectro Autista (TEA), podem apresentar características diversas que embora sejam a mesma deficiência apresentam necessidades especiais divergentes, e que o professor deve através da observação identificar quais são essas necessidades e a partir de então buscar o auxílio na escola.

**CONCLUSÃO**

Este artigo buscou trazer uma discussão sobre o Transtorno Espectro Autista (TEA) onde trazemos de início as principais características deste transtorno, vemos que ao que se refere a esse distúrbio do desenvolvimento humano, até hoje ainda não se tem um consenso sobre quais as suas causas, sabe-se que este transtorno traz comprometimentos na comunicação, dificultando assim a sua interação social e atividades restritas – repetitivas, e que ainda não existe uma cura para este transtorno, permanecendo durante toda a vida, no entanto, o quanto antes essa criança for diagnosticada e receber um acompanhamento especializado maiores serão suas chances de se desenvolver socialmente e educacionalmente.

No segundo tópico procuramos trazer informações de como se dar uma educação voltada para o autista, mostrando quais as principais dificuldades enfrentadas pelos mesmos no espaço escolar, nesse ponto podemos destacar o papel do professor que deve ser o de um observador, e a partir de então identificar quais as necessidades educacionais especiais de cada um, para construir sua pratica pedagógica que inclua os alunos autistas, de maneira que o mesmo se desenvolva tanto cognitivamente como socialmente.

Por fim trazemos uma análise reflexiva do nosso período do Estagio Supervisionado I, na qual nos deparamos em nossa sala com duas crianças diagnosticadas com o Transtorno espectro autista, podemos identificar nas mesmas algumas destas características citadas no decorrer do artigo.

Ao fazermos uma relação do que está descrito como direitos de uma criança com espectro autista no espaço escolar, e como realmente acontece esse processo de inclusão no espaço escolar no dia a dia, podemos concluir com base na nossa experiência de estágio, que esse processo não acontece de maneira satisfatória, pois nem a escola nem a professora estão totalmente capacitados para receber uma criança com uma necessidade educacional especial. Pois a escola não apresenta os recursos necessários para se trabalhar com este aluno, nem a professora passou por nenhuma capacitação fora da graduação para se trabalhar com os mesmos.

**REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Maria Eliana Rodrigues. Mediações de aprendizagens em alunos com autismo: intervenções e escola, **INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL: NOVOS CONTEXTOS NOVOS APORTES** / Natal,RN: EDUFRN,2012.

AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico de. Avaliação do desempenho acadêmico e funcional de um aluno autista a partir da implementação do currículo funcional natural numa escola regular, **INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL: NOVOS CONTEXTOS NOVOS APORTES** / Natal, RN: EDUFRN, 2012.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família / Rio de Janeiro: Wak ED, 2015. p. 19-56.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de. Atendimento educacional especializado na área da deficiência intelectual: questões sobre a prática docente, **ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFECIENCIA INTELECTUAL E TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO** / SP: Ed UNESP, 2013.

SANTOS, Marta Souza. **O AUTISTA NO CONTEXTO ESCOLAR** disponível em: [https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-autista-no-contexto-escolar .Acessado](https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-autista-no-contexto-escolar%20.Acessado) em: 07 de dezembro de2016.